

Ordem de palavra : primeiros passos para uma relação entre som, forma e estrutura em tikuna

Marília FACO SOARES

Setor de Lingüística - Museu Nacional / UFRJ

1- Objetivos

Trazemos, para o espaço deste artigo, alguns aspectos sintáticos da língua tikuna¹. O nosso principal propósito é o de discutir a aparente flexibilidade da ordem de palavra e fornecer uma explicação para o surgimento de marcação de caso nessa língua. Ao mesmo tempo, temos a intenção de mostrar que aspectos discursivos podem determinar a forma de construções gramaticais.

Os aspectos sintáticos a serem abordados aqui dizem respeito a restrições existentes na localização de sujeito e objeto nominais em posições pós-verbais, restrições essas intrinsecamente ligadas a construções transitivas. A apresentação de tais aspectos se dá no contexto de uma pesquisa voltada para a

¹ A língua tikuna é considerada língua isolada, sem relação com qualquer família lingüística, segundo Rodrigues (1970 : 4034-4036). Falada por uma população que vive em três países - Brasil, Peru e Colômbia -, a maior parte de seus falantes está localizada no Brasil, distribuída por 69 comunidades pertencentes a oito municípios do Estado do Amazonas (Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tocantins, Jutai e Beruri). Os Tikuna são o maior grupo indígena existente no Brasil (cerca de 20.000 indivíduos).

relação entre níveis lingüísticos e, em especial, para a verificação do grau de ajustamento/desajustamento entre estrutura sintática e estrutura prosódica². Nesse sentido, as conclusões aqui apresentadas sobre ordem de palavra constituem passos iniciais e necessários para uma articulação futura entre a fonologia, a morfologia e a sintaxe da língua tikuna.

2- ordem de palavra

2.1- A ordem SOV

Para falar de ordem de palavra sem nos referirmos de imediato a configurações sintáticas, vamos supor que uma oração pode ser vista como consistindo basicamente de um predicado e um número de argumentos nominais, mantendo cada um desses argumentos exatamente uma relação

² O trabalho de que resultou o presente artigo foi realizado no âmbito de um estudo prosódico integrado. Tal estudo vem sendo entendido por nós como aquele que - ao levar em consideração os níveis da sílaba, da palavra, da sentença e do discurso - permite o estabelecimento, em termos fonológicos, de relações entre os níveis suprasegmental e segmental. Além disso, como nesse tipo de estudo não se perde a visão da língua como um todo, seus resultados devem não só permitir uma integração entre o fonético, o fonológico e os demais níveis lingüísticos, mas também dar lugar a uma reflexão sobre a própria relação entre níveis lingüísticos.

No percurso em que se insere o presente artigo, os dados lingüísticos conservam a informação fonética: características fonéticas não-distintivas não são imediatamente descartadas como irrelevantes, porque, podendo estar funcionalmente ligadas a certos domínios, são fonte potencial para a explicação de fatos lingüísticos. Nesse mesmo percurso estamos também prevendo a manutenção da informação sobre o produtor dos dados - o informante. Esse tipo de informação se justifica diante da importância que possui, para um estudo prosódico integrado, a possibilidade permanente de uma alteração da relação entre elementos, no que diz respeito aos domínios aos quais esses elementos pertençam - uma alteração que não deve de imediato ser desvinculada de quem as produz. Neste artigo, porém, não lançaremos mão da informação sobre o informante: uma vez que falaremos aqui unicamente sobre ordem de palavra e sobre a falta de ajustamento entre o nível das relações gramaticais e o nível em que se constituem todos fonológicos, sem entrarmos na questão de como atuam padrões rítmicos na fala de diferentes informantes ou de um mesmo informante, não consideramos relevante exibir aqui informação sobre o falante nativo.

Quanto ao sistema de notação empregado, estamos utilizando, para a parte segmental, o Alfabeto Fonético Internacional. Estamos ainda discriminando durações silábicas - duração longa (˘) e duração breve (não marcada). No registro da altura substituímos, por razões tipográficas, a nossa notação habitual com níveis de altura relacionados a barras verticais por números, sendo a seguinte a relação entre os números empregados e os níveis de altura discriminados: 1 = alto; 2 = meio-alto; 3 = médio; 4 = meio-baixo; 5 = baixo. A laringalização é marcada com um til subscrito ao segmento e a pausa, quando indicada, tem o seu registro feito com o sinal ^ ao nível da linha. Por fim, os dados, que são fonéticos, têm a sua constituição morfológica revelada através de traços de união. (Esses traços de união substituem os colchetes horizontais que habitualmente empregamos em nossos trabalhos.)

gramatical com um verbo. Se a relação gramatical mantida não é ela própria decorrente de uma dada configuração sintática, e sim proposta como um primitivo não-analisável, é possível considerar sujeito e objeto como constituindo relações gramaticais primitivas³. Tomando, então, inicialmente os termos sujeito e objeto como primitivos, diremos que a maior parte das orações transitivas em tikuna são construídas com o sujeito precedendo o objeto, estando o verbo em posição final. Dessa ordem são exemplos

- (1) **ma²ri¹a² ri³ ε³ri¹za²-ʃi⁴ i³-dā³**
 Maria z Elisa-piolho ela-catar
 'Maria catou piolho da Elisa'
- (2) **ε³ri¹za² ri³ lō³i¹za³-mē⁵⁻³ i²-dza³ʔō⁴**
 Elisa z Luiza-mão ela-lavar
 'Elisa está lavando a mão de Luiza'
- (3) **ma³ri¹a² ri³ pā³ka³ra² i³-ʔi⁴**
 Maria z cesta ela-fazer
 'Maria fez cesta'
- (4) **ma³ri¹a² pā³ka³ra² i³-i⁴ ga²ʔ i³nē³**
 Maria cesta ela-fazer x ontem
 'Maria fez cesta ontem'
- (5) **hēi³nā²dō³ āi³⁻²rō¹ ni²-mā⁴**
 Reinaldo cachorro 3p-matar
 'Reinaldo matou o cachorro'
- (6) **hēi³nā²dō³ ri³ āi³⁻²rō¹ ni²-mā⁴ʔ**
 Reinaldo z cachorro 3p-matar
 'Reinaldo matou o cachorro'
- (7a) **grā³ʃi³la³ nā²-tʃi²rō⁴ i²-dzā⁴**
 Gracila 3p-roupa ela-pegar
 'Gracila pegou a roupa'

³ Essa suposição cumpre apenas um objetivo operacional, que é o de nos aproximarmos da ordem de palavra sem recorrer, desde o início, a configurações sintáticas. Desse modo, não representa essa mesma suposição uma manifestação de filiação teórica a postulados da Gramática Relacional, tal como eles foram colocados, há tempos, por Postal e Perlmutter (1974) e Johnson (1974).

- (7b) $gr\bar{a}^3\zeta i^3 la^3$ $n\bar{a}^2-t\zeta i^2 r\omega^4-i^{\check{3}}$ $i^2-dz\bar{a}\omega^4$
 Gracila 3p-roupa-dativo ela-pegar
 'Gracila pegou a roupa'
- (8a) $gr\bar{a}^3\zeta i^3 la^3$ $\bar{a}i^{3-2}r\omega^1$ $i^2-dz\bar{a}\omega^4$
 Gracila cachorro ela-pegar
 'Gracila pegou o cachorro'
- (8b) $gr\bar{a}^3\zeta i^3 la^3$ $\bar{a}i^{3-2}r\omega^1-i^{\check{3}}$ $i^2-dz\bar{a}\omega^4$
 Gracila cachorro-dativo ela-pegar
 'Gracila pegou o cachorro'

Na ordem focalizada nota-se que o que poderíamos considerar como sujeito aparece, muitas vezes, seguido da partícula referida como 'z', como se vê nos exemplos (1), (2), (3) e (6). Essa partícula aparece também, facultativamente, em orações intransitivas, como se vê em

- (9) $l\bar{i}^3 da\omega^2 \beta a^4$ ri^4 $\eta i^2-\eta\bar{o}^4$
 Lindalva z ela-chegar
 'Lindalva chegou'
- (10) $l\bar{i}^3 da\omega^2 \beta a^4$ $\check{i}^2-\eta\bar{o}^4$
 Lindalva ela-chegar
 'Lindalva chegou'

Essa mesma partícula, nas orações transitivas, pode não aparecer depois do sujeito, como acontece em (4), (5), (7) e (8), tudo indicando que ela não é identificadora de um sujeito. Nós a consideramos como marca de tópico e vamos voltar a ela mais tarde (ver 2.4).

Note-se também que, na ordem focalizada, em que sujeito e objeto estão antes do verbo, ambos não recebem necessariamente uma marca morfológica : como mostra o exemplo (5), a ordem pode bastar para a identificação de sujeito e objeto. A possibilidade da marcação de caso surge aqui a partir do momento em que está na posição de objeto um argumento paciente que possui o traço [+ animado], como comprovam os pares de exemplos em (8) e a agramaticalidade de (7b) em face da gramaticalidade de (8b). A marcação de caso no objeto, que aqui surge por razões semânticas, é exemplificada através do uso de um morfema a que estamos nos referindo como 'dativo'. Encontrado em seqüências espontaneamente obtidas como

- (11) $t\check{s}\bar{\omega}^4-?i^2$ $k\bar{\omega}^3-ri^4$ $b\bar{\omega}^3ra^2t\check{s}a^4$
 lp- dativo 2p-possessivo bolacha
 '[dê] para mim a tua bolacha'

o morfema 'dativo' pode surgir por razões outras que não aquelas ligadas à identificação de um argumento dativo codificado como objeto indireto. Quando essas razões se apresentam, tal como acontece em (8b), o morfema 'dativo' não altera a condição dos verbos cujo objeto ele marca: esses verbos continuam sendo transitivos, e o objeto que recebe a marca de 'dativo' é ainda um objeto direto.

Com relação à concordância verbal, tem-se que, na ordem SOV, o verbo só exhibe concordância com o sujeito, conforme revelam, por exemplo, (5) e (8a)⁴.

Por fim, vale dizer ainda que é gramatical a presença de objeto indireto em posição pré-verbal⁵:

⁴ A concordância com o sujeito é marcada no verbo através dos seguintes prefixos (fazemos abstração da informação relativa à altura e à duração) :

tsa-, tsi-	'1ª pessoa singular'
ku-, ki-	'2ª pessoa singular'
na-, ni-	'3ª pessoa'
ta-, ti-	'3ª pessoa íntima'
i-, idza-	'3ª pessoa feminina'
ta-, ti-	'1ª pessoa do plural'
pe-, pi-	'2ª pessoa do plural'

No verbo também há lugar para um morfema que, mais à frente, identificaremos como relacionado à expressão da noção 'objeto' interna ao verbo. Manifestado pelas seqüências **na** e **dza**, esse morfema não se confunde com marcas ligadas à terceira pessoa, uma vez que fatos de distribuição permitem separar as marcas de pessoa do referido morfema. Exemplos de alguns desses fatos são :

$ni^2-dzi^4?i^3$	3p-dançar	$ni^2-\bar{a}^4?i^2$	3p-beber
$i^2dza^3-dzi^4?i^3$	ela-dançar	$i^2dza^3-\bar{a}^4?i^2$	ela-beber

$t\check{s}a^2-dza^3-m\bar{a}^5$	'eu matei'
lp-objeto interno-matar	
$k\bar{\omega}^4-dza^3-m\bar{a}^5$	'você matou'
2p-objeto interno-matar	
$na^2-dza^3-m\bar{a}^5$	'ele matou'
3p-objeto interno-matar	
$i^2-dza^3-m\bar{a}^5$	'ela matou'
3p.fem-objeto interno-matar	

⁵ Nem sempre se apresentando com a mesma marca (como mostram os exemplos (11) e (12)), o objeto indireto em tikuna resulta da codificação do argumento dativo de verbos com raízes como $?a^2$ 'dar' $\beta\bar{e}^5$ 'apresentar'

Quando presente em uma sentença, o objeto indireto pode preceder o objeto direto que se situa à esquerda do verbo, embora a grande tendência encontrada em nossos dados tenha sido a de se ter a realização do objeto indireto em posição pré-verbal combinada à realização do objeto direto em posição pós-verbal.

- (12) $p\bar{e}^2 d\bar{r}\omega^3$ ri^3 $ni^{\bar{3}}-na^4$ $n\bar{a}^3 n\epsilon^2$ $na^2-?a^2$
 Pedro z 3p -para flecha 3p- dar
 'Pedro deu flecha para ele...' (ele \neq Pedro)

2.2- A ordem SVO

As sentenças que se seguem podem ser consideradas como exemplos da ordem SVO. Elas contêm um verbo que, do ponto de vista semântico, é transitivo prototípico, isto é, um verbo cujo sujeito é um agente e cujo objeto é paciente de uma mudança⁶:

- (13) $h\bar{e}i^{3-2} n\bar{a}\omega^{2-3} d\omega^3$ $na^2-dza^3-m\bar{a}^4$
 Reinaldo 3p-objeto interno-matar

 ga^2 $\bar{a}i^{3-2} r\omega^1$ ga^2 $i^{\bar{3}} p\bar{a}^3-?i^4 ra^4$
 x cachorro x antes-pouco
 'Reinaldo matou o cachorro faz dias'
- (14) $h\bar{e}i^{3-2} n\bar{a}\omega^{2-3} d\omega^3$ $ni^2-dza^3-g\bar{o}^4$ i^4 $tz\bar{o}^3 ni^2$
 Reinaldo 3p-objeto interno-assar x peixe
 'Reinaldo assou o peixe'
- (15) $h\bar{e}i^{3-2} n\bar{a}\omega^{2-3} d\omega^3$ $ta^4-na^2-d\bar{a}^3 i^4$ ga^2 $i^{\bar{5}} i^4$
 Reinaldo 3p íntimo-objeto interno-cortar x madeira, fogo
 'Reinaldo cortou madeira'

Nessa ordem, o objeto é necessariamente antecedido de uma partícula que, tratada em nossa tradução literal como 'x', é possuidora de certas características. Uma dessas características é a possibilidade que tem tal partícula de ser identificada através dos termos 'feminino' ou 'masculino', que, segundo alguns informantes, são termos relacionados à altura da voz: 'feminino' e 'masculino' se referem, respectivamente, a um nível de altura baixo e a um nível de altura alto. Essa categorização da altura pode ser estendida ao item que imediatamente segue a partícula. Por exemplo, os itens referentes a 'pedra' ou 'peixe' a seguir

dza^2	$n\bar{o}^3 ta^2$	'pedra'	i^4	$tz\bar{o}^3 ni^2$	'peixe'
x	pedra		x	peixe	

⁶ Sobre transitividade semântica, ver Givón (1984 : 96-109).

podem ser considerados, respectivamente, como 'masculino' e 'feminino em virtude da partícula que precede cada um deles, mesmo que, por razões fonológicas, tal partícula sofra mudanças de altura. Ambas as partículas mencionadas alternam com uma outra, **ga**² 'x' que é masculina e está relacionada à idéia de passado⁷.

O tipo de vínculo que a partícula em questão estabelece dentro da ordem SVO está relacionado a outras de suas características, a serem abordadas mais adiante (ver 2.4.).

Ainda como traços da ordem SVO, tem-se que não basta o simples posicionamento do objeto à direita do verbo. Para que esse posicionamento tenha lugar, é preciso que o verbo apresente no seu interior um morfema que, na nossa análise, está ligado à expressão da noção 'objeto' - como acontece em (13), (14) e (15)⁸. Nessas sentenças e em outras do mesmo tipo, há boas indicações para não se dizer que o argumento situado à direita do verbo tenha sido pensado no decorrer do processo de produção do enunciado pelo falante. A noção 'objeto' interna ao verbo tem como função indicar que em um enunciado há um argumento nominal que é o objeto. De modo geral, esse argumento se situa à direita do verbo em sentenças do tipo abordado. A regularidade de tal ocorrência permite que se identifique esse mesmo argumento a partir de um

⁷ Além dessas três partículas, há **a**² 'x', de pouca incidência em nossos dados e que os falantes invariavelmente substituem por **dza**² 'x'. A relação dessas partículas com a marcação temporal é nítida para **ga**², caracteristicamente relacionada à idéia de passado. Quanto às demais partículas, essas retirariam o seu significado básico, em termos de marcação temporal, da sua oposição a **ga**², o que levaria a atribuir-lhes o significado básico 'não-passado'. Esse significado básico deve, no entanto, ser definível em termos prototípicos, isto é, em termos dos exemplos os mais característicos, uma vez que é possível encontrar em tikuna situações passadas que, referidas através de outro recurso que não o uso das partículas em questão, podem aceitar o emprego das partículas **i**⁴ e **dza**², cujo significado básico é, no entanto, 'não-passado'. (Sobre a utilização da noção de protótipo na gramaticalização do tempo, ver Comrie 1985 : 18-23).

Na ausência das partículas em questão ou quando parte delas tem o seu emprego efetuado fora do seu significado básico, a língua realiza a localização de eventos através de itens lexicais ou da partícula **ta** 'não-agora'. De acordo com nossos dados, o tikuna não marca o tempo no verbo. No verbo podem estar, porém, certas marcas aspectuais. A esse propósito, ver Anderson (1966). Cabe ainda dizer que a caracterização das partículas 'x' em relação a níveis de altura é feita seguindo-se a ótica nativa, pela qual níveis de altura na língua podem ser categorizados em função da sua relação com sons emitidos por certos instrumentos musicais do grupo.

Por fim, resta dizer que não temos, até o momento, uma explicação para o que parece ser uma duplicação dessas partículas que, em alguns momentos, se colocam em seqüência - como se poderá ver em (35), onde ocorre a seqüência **ga**²**dza**².

⁸ Ver nota 4.

morfema apresentado pelo verbo. E com base nessa identificação, que envolve em princípio localização sintática, que estamos falando em uma noção 'objeto' expressa internamente pelo verbo⁹.

A modificação apresentada pelo verbo em sua forma está, então, ligada ao posicionamento que mantém, em relação ao próprio verbo, o objeto direto. Se esse objeto se encontra adjacente ao verbo pela esquerda, nenhuma modificação sofre a forma do verbo, como se vê, por exemplo, em (4). Se o objeto se encontra à direita do verbo, esse último se apresenta internamente modificado, como mostra (16) :

- (16) $ma^3 ri^1 a^2$ $i^3-na^3-\eta^4$ i^3 $pa^3 ka^3 ra^2$ $ga^{2?}$ $i^3 ne^3$
 Maria ela-objeto interno-fazer x cesta x ontem
 'Maria fez cesta ontem'

No caso de o objeto se encontrar à direita do verbo e esse não expressar internamente a noção 'objeto', haverá à esquerda do verbo um clítico com marcação de caso e co-referente ao objeto nominal posposto, como ocorre em (17) e (18) - outros exemplos de emergência da ordem SVO :

- (17) $\underline{a}i^{3-2} \underline{r}o^1$ ni^3-i^3 $na^2 \eta^5$ i^3 $b\bar{o}^3 \eta^2$
 cachorro 3p.masc-dativo 3p-morder x menino
 'O cachorro mordeu o menino' (= O cachorro mordeu ele o menino)
- (18) $dza^{2-3} ti^2$ $ni^3-\eta^4$ $ni^2-\eta^5$ i^4 $\bar{o}^3 re^3-gi^2$
 homem 3p.masc-dativo 3p-contar x história-plural
 'O homem conta história'

Em sentenças como (17) e (18), é o clítico quem traz consigo a possibilidade de identificação do argumento nominal situado à direita do verbo como objeto direto. Contendo, entre suas informações, aquela relativa à pessoa, o clítico se caracteriza ainda por desencadear uma co-indexação obrigatória entre ele e o argumento nominal à direita do verbo. Provas desse fato são facilmente encontráveis. Em tikuna, que é uma língua que permite a ordem OVS (ver 2.3.), uma sentença que apresente sintagma nominal duplicando o clítico

⁹ Considerar o morfema em questão como uma marca indicial de objeto sobre o verbo permitiria falar em uma concordância entre o verbo e o argumento que é o objeto, mas não permitiria falar em localização sintática desse mesmo objeto.

não será, de acordo com nossos dados, ambígua. Por exemplo, para uma sentença como

- (19) $n\bar{i}^3-?i^2$ $na^2-d\bar{a}\omega^4$ dza^2 $dz\bar{a}^{2-3}ti^2$
 3p.masc-dativo 3p-ver x homem

não encontramos como sentido possível : 'o homem_i viu ele_j

sendo ela interpretada como : 'x viu ele_j o homem_i

devido à co-indexação existente entre o clítico e o objeto nominal. Se o clítico em tikuna ocupasse uma posição argumental, a co-indexação não seria obrigatória, isto é, a referência poderia ser disjunta. Acrescente-se a isso exemplos do tipo de (20),

- (20) $n\bar{i}^3ma^4-?i^2$ $na^2d\bar{a}\omega^4$ dza^2 $dz\bar{a}^{2-3}ti^2$
 3p.masc(pronome livre)-dativo 3p-ver x homem
 'O homem viu ele'

em que a referência disjunta é obtida através da utilização à esquerda do verbo de uma forma pronominal livre - essa sim em posição argumental -, e constatar-se-á que construções com clítico em tikuna apóiam a tese de que o clítico está ligado à esfera do verbo. Ligado a essa esfera, o clítico se aproxima da marca 'objeto' interna ao verbo, constituindo ambas características da ordem SVO¹⁰.

2.3- A ordem OVS

As seguintes sentenças, que estão na ordem OVS,

- (21) $\bar{a}^3ta^2pe^3-i^2$ $ni^2-m\bar{a}^4$ dza^2 $dz\bar{a}^{2-3}ti^2$
 cobra-dativo 3p-matar x homem
 'O homem matou a cobra'

¹⁰ Em Soares (1992, volume I), mostramos, a partir de muitas generalizações descritivas, como é patente o relacionamento do clítico com o morfema 'objeto interno'. Essas generalizações fundamentaram a hipótese, levantada no mesmo trabalho, de que o morfema 'objeto interno' seja o resultado de um processo de incorporação do clítico. Essa hipótese se mantém desde que se leve em conta que o processo de incorporação, conforme Baker (1988), não pressupõe que a forma morfológica do incorporado seja igual à dos elementos correspondentes não-incorporados. Além disso, se mantida, essa mesma hipótese exclui o tratamento do morfema 'objeto interno' como prefixo e abre caminho para uma possível relação desse morfema com formas das partículas 'x'.

- (22)¹¹ $\text{b}\bar{\text{o}}^3\eta^2\text{-}\eta^2$ $\text{n}\bar{\text{a}}^2\text{-}\eta\bar{\text{o}}^4?$ dza^2 $\bar{\text{a}}\text{i}^{3-2}\text{r}\bar{\text{o}}^1$
 menino-dativo 3p-morder x cachorro
 'O cachorro mordeu o menino'

se contrapõem às sentenças abaixo, que são representativas das ordens SOV e SVO :

- (23) $\text{h}\bar{\text{e}}\text{i}^{3-2}\text{-n}\bar{\text{a}}\bar{\text{o}}^{2-3}\text{d}\bar{\text{o}}^3$ $\bar{\text{a}}^3\text{ta}^2\text{p}\bar{\text{e}}^3$ $\text{n}\text{i}^2\text{-m}\bar{\text{a}}^4$
 (SOV)
 Reinaldo cobra 3p-matar
 'Reinaldo matou a cobra'

- (24) $\text{h}\bar{\text{e}}\text{i}^{3-2}\text{-n}\bar{\text{a}}\bar{\text{o}}^{2-3}\text{d}\bar{\text{o}}^3$ $\bar{\text{a}}\text{i}^{3-2}\text{r}\bar{\text{o}}^1$ $\text{n}\text{i}^2\text{-m}\bar{\text{a}}^4$
 Reinaldo cachorro 3p-matar
 'Reinaldo matou o cachorro'

- (25) $\text{h}\bar{\text{e}}\text{i}^{3-2}\text{-n}\bar{\text{a}}\bar{\text{o}}^{2-3}\text{d}\bar{\text{o}}^3$ $\text{na}^2\text{-dza}^3\text{-m}\bar{\text{a}}^4$ ga^2 $\bar{\text{a}}\text{i}^{3-2}\text{r}\bar{\text{o}}^1$
 (SVO)
 Reinaldo 3p-objeto interno-matar x cachorro
 'Reinaldo matou o cachorro...'¹²

- (26) $\bar{\text{a}}\text{i}^{3-2}\text{r}\bar{\text{o}}^1$ $\text{n}\bar{\text{i}}^3\text{-}\bar{\text{i}}^3$ $\text{n}\bar{\text{a}}^2\text{-}\eta\bar{\text{o}}^4$ i^3 $\text{b}\bar{\text{o}}^3\eta^2$
 cachorro 3p.masc-dativo 3p-morder x menino
 'O cachorro mordeu o menino' (= O cachorro mordeu ele o menino)

Na ordem OVS, ao ser o sujeito nominal posposto ao verbo, ele é antecedido pelas partículas que ocorrem antes do objeto nominal quando esse se encontra à direita do verbo (ordem SVO). Uma outra observação a ser feita é a de que o objeto nominal, na ordem OSV, é morfologicamente marcado por um sufixo dativo. A marcação do objeto é aqui resultante não propriamente do fato de estar ele preposto ao verbo : nessa situação o objeto não necessita de qualquer marca, como exemplificam (23) e (24). A marcação do objeto também não deriva de razões semânticas, já que, na ordem OVS será obrigatoriamente marcado o objeto, quer ele codifique um argumento [+ animado], como se vê em

¹¹ Sobre a relação entre som consonantal nasal velar silábico e vogal central nasal, ver Soares (1984).

¹² O exemplo (25) é a reapresentação parcial de (13).

(21) e (22) acima e em (27) e (28) abaixo, quer ele codifique um argumento [- animado], como bem mostra (29) ¹³:

- (27) $\beta\bar{i}\omega^{3-2}ma^2-i^{\tilde{z}2}$ $na^2-\eta\bar{\omega}^4$ dza^3 $\bar{a}i^{3-2}r\omega^1$
 Vilmar-dativo 3p-morder x cachorro
 'O cachorro mordeu a Vilmar'
- (28) $\tilde{a}^3ta^2p\bar{e}^3-i^{\tilde{z}2}$ $i^2-m\bar{\omega}^2i^{\tilde{z}4}$ i^3 $l\bar{\omega}^3i^2za^3$
 cobra-dativo ela-ter medo,temer x Luiza
 'Luiza tem medo de cobra'
- (29) $di^3\eta\bar{e}^4r\omega^4-i^{\tilde{z}2}$ $na^2-dz\bar{a}\omega^4...$ ga^2 $p\bar{e}^3dr\omega^4$
 dinheiro-dativo 3p-pegar x Pedro
 'Pedro pegou dinheiro'

Sem uma motivação semântica, a marcação do objeto na ordem OVS é resultante do fato de ter sido o sujeito nominal posposto ao verbo. Por fim, resta observar que, na ordem OVS, o verbo nunca expressa internamente a noção 'objeto' - ao contrário do que se constata na ordem SVO.

2.4. Tópico : continuidade tópica e descontinuidade tópica

De difícil definição, o tópico já foi identificado em certas línguas com base em propriedades gradualmente compartilhadas por frases nominais¹⁴. Entre essas propriedades estão a posição sempre inicial na sentença, o fato de que não há entre o tópico e o verbo em uma sentença uma relação de seleção e o próprio papel funcional desempenhado pelo tópico, que é o do fornecimento de um quadro de referência.

Em tikuna, observando-se apenas as sentenças (1),(2),(3) e (6), não se tem como assegurar que a primeira frase nominal, seguida da partícula 'z', é um tópico. A única constatação que se pode fazer, com relação a essas sentenças, é aquela que foi feita (cf.2.1) : a partícula mencionada que nelas aparece não é identificadora de sujeito. Vejamos, porém, outras sentenças como, por exemplo :

¹³ Confronte-se a gramaticalidade de (29) - ordem OVS, objeto [-animado] casualmente marcado - com a agramaticalidade de (7)b - ordem SOV, objeto [-animado] casualmente marcado.

¹⁴ Ver Li & Thompson (1976).

- (30) \bar{a}^2pa^2 ri^3 $na^2-t\bar{a}^2\omega^2ma^2$ i^{4-3} $n\bar{a}^3n\epsilon^3ti^3-gi^2$ $n\bar{a}^4ti^2ri^2$
antes z 3p-inexistir x planta-plural mas, então
 $no^4m\bar{a}^2$ ri^3 $m\bar{a}^4ri^4$ $na^3-m\bar{o}^3-\bar{o}^1t\bar{s}i^1$ i^3 $n\bar{a}^3n\epsilon^3ti^3-gi^2$
agora z já 3p-muito-intensificador x planta-plural
'Antes não tinha plantas, mas agora já tem bastante planta'
- (31) \bar{a}^2pa^2 ri^3 $n\bar{a}^2-no^2r\epsilon^2$ ga^2 $n\bar{a}i^{3-4}$
antes z 3p-pouco x pau, árvore
 $no^4m\bar{a}^2$ ri^3 $na^2-m\bar{o}^2-\bar{o}^1t\bar{s}i^2$ i^3 $n\bar{a}i^{3-4}$
agora z 3p-muito-intensificador x pau, árvore
'Antes tinha pouca árvore, agora tem bastante árvore'
- (32) $n\bar{a}^2pa^3$ ri^3 $w\bar{e}^4a^2$ βa^1 $i^2-p\bar{e}^2$ i^3 $l\bar{o}^3i^1za^2$
rede z velho locativo ela-dormir x Luiza
'Luiza está dormindo na rede velha'

Nos três últimos exemplos acima, fica difícil conceber o item inicial de uma sentença seguido da partícula 'z' como sendo o sujeito. Em (30) e (31) uma partícula de tempo ocupa a posição inicial da sentença sem que se possa demonstrar que ela é, necessariamente, um argumento do verbo¹⁵. Em (32), o item referente a 'rede' não é o sujeito da sentença : o prefixo subjetivo exibido pelo verbo¹⁶ exclui o item em questão como sendo um argumento locativo gramaticalizado como sujeito. É digno de nota o fato de que o falante nativo não diz em (32) que 'Luiza está dormindo na rede velha'. Na realidade, a maneira como a sentença foi construída nos permite afirmar que o que o falante diz em (32) é 'A rede, na velha dormiu a Luiza' : o locativo se segue somente ao item referente a 'velho' sem alcançar sintaticamente o item relativo a 'rede', o qual se encontra seguido pela marca 'z'.

Apesar da impossibilidade de se conceber o item inicial de (30), (31) e (32) como sendo o sujeito, não seria difícil ver nessas sentenças um sujeito. Em (30), (31) e (32) estão presentes itens lexicais que, precedidos das partículas que

¹⁵ Estamos considerando os itens referentes a 'não-tem', 'tem bastante', 'tem pouco' como verbos, devido ao fato de exibirem um marcador de pessoa pertencente à série de marcadores capazes de identificar, na língua tikuna, uma categoria lexical verbo.

¹⁶ Se na^2pa^3 'rede' fosse o sujeito de (32), o prefixo subjetivo exibido pelo verbo seria na^2- . Ver nota 4.

estamos traduzindo por 'x', podem ser o sujeito das sentenças em questão. Em outras palavras, o que traduzimos como 'plantas' e 'árvore' seriam os sujeitos de verbos de existência/não-existência, enquanto $i^3 l\bar{o}^3 i^1 z\bar{a}^2$ 'Luiza' seria o sujeito de $i^2-p\bar{e}^2$ 'ela-dorme'. Quanto a $\bar{a}^2 pa^2$ e $n\bar{a}^2 pa^3$, esses seriam os tópicos das referidas sentenças, encontrando-se seguidos de uma marca de tópico $r\bar{i}^3$ 'z' marca essa que também se apresenta após o primeiro item das sentenças (1), (2), (3) e (6) (cf. 2.1).

Um tópico sentencial morfologicamente marcado fica, assim, identificado em tikuna a partir de conhecidas características aqui já mencionadas : posição inicial na sentença, ausência de uma relação de seleção entre o tópico e o verbo, além do próprio papel funcional do tópico.

Ao lado das características que permitem o seu reconhecimento, o tópico em tikuna apresenta ainda uma relevância sintática e, como seria de se esperar, uma motivação discursiva.

No que diz respeito à relevância sintática do tópico, ela foi tratada em Soares (1990)¹⁷. Valendo-nos, no trabalho em questão, de um levantamento das situações em que sintagmas ocupam a posição de tópico em tikuna, chegamos à conclusão de que o tópico possui, nessa língua, um papel fundamental, que é o de revelar quais são as possibilidades concretas de vazios estruturais na língua. De acordo com o mesmo trabalho, não existe uma situação única, em que a qualquer argumento é permitido ocupar a posição de tópico. Quando o argumento que está na posição de tópico é o agente, a posição que pode ficar vazia, isto é, sem cópia, é a posição de sujeito¹⁸. Isso nos levou a concluir, no referido trabalho, que o único vazio estrutural livremente permitido em tikuna é aquele situado na posição de sujeito. Como consequência disso, o que temos é a suposição de que o tópico, com um lugar já previsto na estrutura da sentença, pode ter a sua existência ligada ou a um lugar especialmente criado para ele

¹⁷ Soares (1990) é uma tentativa de tratamento de aspectos da sintaxe tikuna dentro de um quadro teórico formal.

¹⁸ Quando o argumento que não é o agente está na posição de tópico, há cópia desse argumento dentro da sentença, que é, então, gramatical. As posições sintáticas que, nesse caso, não podem ficar vazias são duas : a de complemento circunstancial adjacente pela esquerda ao verbo e, portanto, no interior do sintagma verbal ; a posição ocupada pelo clítico, a qual se situa na esfera do verbo e que, uma vez ocupada, leva automaticamente à existência de um vazio na posição de sintagma nominal objeto que, irmão do verbo, está situado à esquerda desse último. A esse respeito, além de Soares (1990), ver Soares (1992, volume I).

(uma posição sintática de tópico) ou a um lugar que seria coincidente com a própria posição de sujeito¹⁹.

Assim, o tópico pode ser visto como pertencente ao âmbito da sintaxe da língua : ele faria parte da representação básica das sentenças, desempenhando ao mesmo tempo um papel sintático fundamental, qual seja, o papel de revelar quais são as possibilidades de existência de vazios estruturais na língua.

Com um papel a ele reservado na sintaxe do tikuna, o tópico depende, porém, de uma motivação não-sintática para o seu aparecimento. E essa motivação, que se encontra situada no nível do discurso, não pode ser separada de uma outra motivação que, sendo igualmente de origem discursiva, permite o aparecimento de um sintagma que parece ser, na língua, o espelho do próprio tópico. Estamos nos referindo aos sintagmas pós-verbais que são precedidos das partículas aqui traduzidas por 'x' e já mencionadas ao focalizarmos a ordem SVO e OVS (cf. 2.2 e 2.5). Do aparente jogo de espelho entre tópico e sintagma pós-verbal são exemplos (33) e (34) :

(33) $\bar{\epsilon}^3 li^2 za^2$ ri^3 $l\bar{\omega}^3 i^2 za^2 -\check{i}^3$ $i^3 dza^3 -wi^4 -pa^2 ra^2$
Elisa tópico Luiza-dativo ela-riscar-perna
 'Elisa está coçando a perna da Luiza'

(34) $l\bar{\omega}^3 i^2 za^2 -\check{i}^3$ $i^3 dza^3 -w\bar{\alpha}^4 -pa^2 ra^2$ ι^4 $\bar{\epsilon}^3 li^2 za^2$
 Luiza-dativo ela-riscar-perna x Elisa
 'Elisa está coçando a perna da Luiza'

Exemplos como (33) e (34), circunscritos a sentenças isoladas, não permitem que se apreenda a relação que há entre o tópico e o sintagma pós-verbal. Essa apreensão só é possível se a análise lingüística leva em consideração o texto. Saindo, então, momentaneamente do nível da sentença, observemos o seguinte trecho de um texto tikuna²⁰:

¹⁹ Devido à suposição de que a posição de tópico pode ser gerada diretamente na base, optamos por não utilizar o termo topicalização, que poderia estar associado à idéia de movimento sintático. Também nos resguardamos de utilizar o termo focalização, que, constituindo um par com o termo topicalização, é freqüentemente associado à idéia de informação nova.

²⁰ Devido aos objetivos do presente trabalho e também a limitações de espaço, não estamos exibindo o texto na íntegra. Ver também nota 7.

- (35a) ... $pi^4tā^2\underline{\xi i\omega}^{2-3}-nā^4n\epsilon^3-gi^2$ ri^3 \wedge $n\bar{i}^3ma^4$ ga^2 dza^2
 Epitácio-filho-plural tópico 3p x
- $dā^3r\tilde{\omega}^1-gi^2$ ri^3 $na^4-w\bar{\epsilon}^3$ $na^3-n\eta\bar{\epsilon}^4\epsilon^3-gi^2$ ri^3 \wedge
 guarda-plural tópico 3p-atrás 3p-ir-plural e
- 'A respeito dos filhos do Epitácio, a respeito deles, os guardas, eles foram atrás deles'
- (35b) $na^{2?}$ $n\bar{i}^2$ $na^3-dza^2-p\bar{o}^4a^3ka^4$ $g\bar{\omega}^{4?2}$ \wedge $n\bar{\omega}^3-ri^4$
 conectivo 3p-dativo 3p-objeto interno-tomar todo 3p-possessivo
- $m\tilde{\omega}^5k\bar{a}^3wa^4-gi^2$...
 espingarda-plural
 'para tomar deles todas as espingardas deles'
- (35c) ri^5 $na^3-na^3-d\bar{\epsilon}^4$ a^2 $g\bar{\omega}^{4?3}ma^3$
 e 3p-objeto interno-pegar(mais de uma coisa) x todo
- ga^2 $n\bar{\omega}^3-ri^4$ $m\tilde{\omega}^5k\bar{a}^3wa^4$ ri \wedge $n\bar{\omega}^3-ri^4$
 x 3p-possessivo espingarda e 3p-possessivo
- $t\bar{a}^3ra^1-gi^2$ ri^3 \wedge $n\bar{\omega}^3-ri^4$
 terçado(facas de mato)-plural e 3p-possessivo
- $dz\bar{\omega}^4\epsilon^3ma^4-gi^2$ ri $n\bar{\omega}^3-ri^4$ $p\bar{a}^5n\epsilon^3ra^4-gi^2...$
 machado-plural e 3p-possessivo panela-plural
- '...e eles pegaram todos as espingardas deles, todos os terçados deles e todas as panelas deles...'
- (35d) $dz\bar{i}\epsilon^{2-3}ma^3$ $\eta\bar{a}^4ri^3$ \wedge $j\bar{n}\bar{a}^4ri^3$ $dz\bar{\omega}^4\epsilon^3ma^5-ki^2$ ri^3 $j\bar{n}\bar{a}^4ri^3$
 dêitico sem sem machado-plural e sem
 (aquele)
- $mo^5k\bar{a}^3wa^4-gi^2$ $t\bar{i}^3-\tilde{i}^2$
 espingarda-plural 3p íntima-ser
 'aqueles ficaram sem machados e sem espingardas'

(35e) $ni^2-m\bar{o}^3$ ga^2 $g\bar{o}^4\tilde{a}^3ma^3-ta^2$ Λ $k\bar{o}^3ri^1-n\bar{a}^3ne^4-gi^2$ Λ
 3p-mandar x todo-conjunto patrão,branco-filho-plural

$dz\bar{i}\epsilon^{2-3}g\bar{o}^3ma^2$ ga^2 ni^3ma^4 ri^3 $na^2-\beta\bar{o}i^{3-4}g\bar{o}^4$
dêitico x 3p tópico 3p-voltar
 (naquele tempo)

ga^2 ni^3ma^4 ga^2 dza^2 $d\bar{a}^3r\bar{o}^1-gi^2$ Λ
x 3p x guarda-plural

'eles, os guardas, mandaram todos os filhos do patrão voltar naquele tempo' (mandaram todos os filhos do patrão - a respeito deles naquele tempo -, voltar - eles os guardas)

(35f) $n\bar{a}^2-pa^2ta^3$ wa^1 $na^2-\eta\bar{o}^3-gi^2$ Λ
 3p-casa locativo 3p-chegar-plural
 'eles chegaram em casa'

(35g) $dz\bar{i}\epsilon^{2-3}g\bar{o}^3ma^2$ ga^2 ni^3ma^4 ga^2 dza^2 Λ $k\bar{o}^3ri^1-n\bar{a}^3ne^4-gi^2$
 dêitico x 3p x patrão,branco-filho-plural
 (naquele tempo)

ri^3 Λ $na^2-\beta\bar{o}i^{3-4}g\bar{o}^4$...
 tópico 3p-voltar

'naquele tempo eles, os filhos do patrão, voltaram...'

No início de (35), tanto a seqüência referente aos filhos do Epitácio quanto aquela relativa aos guardas são tratadas como tópico. Isso acontece quando é introduzido no texto um novo confronto entre os dois grupos de atores.

Nas três seqüências seguintes (b,c,d) é mostrada a ação dos guardas, juntamente com os objetos que eles tomam dos brancos, sendo também mostrado o estado a que ficam submetidos esses últimos. Aqui os sintagmas concernentes a guardas e filhos do Epitácio, sem terem sido enunciados, se fazem presentes através de outras formas. Os primeiros se apresentam através do verbo : aparecendo mais de uma vez, por meio de um determinado marcador subjetivo (**na-**) associado a raízes referentes as ações de tomar, pegar, eles assumem o primeiro plano juntamente com as ações que praticam. Os últimos se fazem presentes através do verbo e de um dêitico : o verbo (em d) indica um estado e dele participa um outro marcador de terceira pessoa (**ti-**), que, por integrar essa forma verbal, faz referência aos filhos do Epitácio como pacientes

de um estado ; o dêitico **dz̄ema** 'aquele' indica que o referente está temporal e espacialmente afastado em relação a quem fala, e a sua presença, igualmente relacionada aos filhos do Epitácio, indica o afastamento a que estiveram submetidos esses últimos no plano da ação (nas seqüências a, b e c a ação pertence aos guardas). Nas seqüências b e c assume especial importância a série de objetos tomados dos brancos. Com relação a tais objetos, eles são mencionados dentro de uma ordem VO e, dessa maneira, contrastam com o que os homens brancos pretendiam tirar dos tikuna e que aparece antes no texto, em trecho que não exibimos, na ordem OV²¹. Nas seqüências em questão, portanto, o que importa são certas ações (as ações referentes a tomar, a pegar), os objetos que são movidos por essas ações e um estado que é conseqüência dessas ações. Como atores que inicialmente iniciam tais ações, os guardas estão em primeiro plano e colocam, através dessas mesmas ações, os homens brancos em posição subalterna, inferior.

Na seqüência seguinte (e), os guardas reaparecem no texto, mas agora formalmente expressos através de um sintagma nominal posposto ao verbo e precedido da partícula **ga** 'x'. A expressão do sintagma nominal posposto ao verbo coincide aí com a veiculação de uma informação antiga, contínua : os guardas estavam em primeiro plano e nesse plano continuam. Quanto aos filhos do Epitácio, eles possuem dois momentos em (e). O primeiro momento é quando, na condição de grupo afetado pela ação dos guardas, eles reaparecem como parte de um objeto nominal sentencial que, posposto ao verbo, é precedido de uma das já mencionadas partículas (cf. trecho com tradução literal x todo-conjunto patrão, branco-filho-plural). O segundo momento é quando se fazem presentes através de um tópico, situado dentro do objeto nominal sentencial (cf. trecho literalmente traduzido como dêitico x ele tópico 3p-voltar). No primeiro momento, os filhos do Epitácio (filhos do patrão, do branco), não têm no texto alterada a sua situação em face dos guardas : continuam em posição inferior em relação a esses últimos. Mais uma vez a expressão de um sintagma nominal pós-verbal coincide com a veiculação de uma informação antiga, contínua. No segundo momento, os homens brancos são retomados como um novo tópico : aqui, mesmo obedecendo a uma ordem, expressa em **nimõ** 'eles mandaram' e, portanto, mesmo afetados por essa ordem, os homens brancos retomam uma

²¹ O que os homens brancos pretendiam tirar dos tikuna era madeira:

...**ma**³**dē**³**ra**³ **na**³-**dz̄a**⁴-**i**³
madeira 3p-pegar-nominalizador

condição que possuíam anteriormente no texto : a de serem iniciadores de uma ação (no caso, a ação de voltar). A expressão do tópico coincide, assim, com a veiculação de uma informação que não se apresenta de maneira contínua no texto. Na seqüência em questão (e), como aos homens brancos é conferida a condição de iniciadores de uma ação (condição que se apresenta de maneira descontínua no texto produzido) e como essa condição está ligada à situação de superioridade dos guardas (situação continuamente veiculada ao longo do trecho exposto), não deve causar estranheza o fato de que os homens brancos possam ser apresentados como tópico e como integrando um sintagma pós-verbal no interior de uma mesma seqüência.

Nas seqüências restantes (f, g), são os homens brancos que passam ao primeiro plano dentro do texto. Ao serem retomados como um tópico em (e), esse tópico se reapresenta como um paralelismo em (g).

Sem tecer comentários sobre o possível efeito estilístico do paralelismo que foi construído com base no tópico, diremos que a retomada dos homens brancos como tópico possui uma função dentro do texto : esse tópico introduz no texto, em trecho que se segue ao que acabamos de apresentar, a nova situação que passa a existir para esses homens após a ação dos guardas.

O breve exame que acabamos de fazer de parte de um texto tikuna nos dá a possibilidade de associar a informação antiga ou contínua à presença do sintagma pós-verbal que é precedido por uma das partículas que estamos traduzindo por 'x'. O mesmo exame nos permite associar a informação nova ou descontínua ao tópico 'z' ²².

Por fim, um último olhar sobre o trecho de texto em exame nos mostra que o próprio tópico admite no seu interior a presença de uma das partículas que comumente precedem o sintagma pós-verbal e que, de acordo com o que vimos, está ligada ao que é conhecido, contínuo (ver a, e e g). A ocorrência de uma tal partícula no interior do tópico não constitui uma evidência que contrarie aquilo que concluímos sobre ela. Observando-se os dados acima, notamos que o seu emprego se dá junto a dêiticos, fazendo com que a indicação operada pelo

²² Com referência ao tópico em tikuna, é o caráter descontínuo da informação por ele veiculada que permite considerar essa informação como nova. Sobre a oposição "já conhecido/informação nova", os fatos trazidos pelos textos tikuna apontam para uma relação de tal oposição com o fator memória.

dêitico seja mais precisa, no sentido de que ele passa a apontar para algo que se apresenta como conhecido do ouvinte. Assim, o nosso último olhar sobre (35) permite ainda que se diga que, quando uma informação retorna após um período de ausência, esse retorno pode vir a combinar a existência das partículas que anunciam o que é conhecido, contínuo, com as características da mudança de tópico : a posição inicial da sentença e a marca de tópico.

Relacionados do ponto de vista discursivo e justificando, assim, a sua aparente especularidade (exemplificada em (33) e (34)), o tópico e o sintagma pós-verbal, podem, porém, ser vistos como desempenhando, do ponto de vista sintático, funções diversas.

A respeito do tópico, já afirmamos que o seu papel, no âmbito da sintaxe, é o de revelar quais são as possibilidades concretas de existência de vazios estruturais na língua. Quanto ao sintagma pós-verbal, para chegar a uma conclusão sobre a sua relevância sintática, será necessário partir daquelas suas características que são nossas conhecidas : primeiro, a sua posição pós-verbal, isto é, pós-nuclear ; segundo, a existência das partículas que podem introduzi-lo e que, em razão disso, se tornam a marca da continuidade que tal sintagma representa do ponto de vista discursivo.

Começemos pelas partículas que introduzem o sintagma pós-verbal. Algo que deve ser observado a seu respeito é que - conforme é possível constatar desde (35) e mesmo desde exemplos anteriores como (4), (13) e (16) -, a sua ocorrência não está restrita à introdução de sintagmas que sejam um sujeito ou um objeto posposto ao verbo nem à indicação de uma informação conhecida que, após um período de ausência, retorna dentro do tópico. A sua ocorrência é mais ampla, e os tipos de situações em que elas são encontradas bem o comprovam. Tais situações envolvem²³ :

- 1) questões **qu-** ; nessas questões, as partículas em causa acompanham a parte da sentença que carrega a informação já conhecida, enquanto a palavra **qu-** é o único elemento que porta o novo ; dentro de questões **qu-** tais partículas não são obrigatórias, aparecendo - embora não necessariamente - quando há uma nominalização :

²³ Questões **qu-** e "orações relativas" foram analisadas dentro de um quadro teórico formal em Soares (1990).

- (36a) $t\bar{a}^4ki^3$ [i^4 $n\bar{i}^3-\bar{i}^3$ $ki^2-\bar{o}^4\bar{?}i^3$ i^4 $k\bar{o}^3ma^4$] S
 que x 3p-dativo você-contar-nominalizador x você
 'O que você disse?'
- (36b) $t\bar{e}^3\bar{e}^2$ [dza^2 $k\bar{o}^3-ri^4$ $\eta\bar{e}^3a^4-t\bar{s}i^2r\bar{o}^4$ $n\bar{a}i^3-2-\bar{e}^4$] S
 quem x 2p-possessivo mulher-roupa costurar-nominalizador
 'Quem costurou o teu vestido?'
- (36c) $t\bar{a}^4ki^3$ [$p\bar{e}^3dr\bar{o}^3$ $n\bar{i}^4-\bar{i}^3$ $d\bar{a}\bar{o}^4-\bar{i}^2$] S
 que Pedro 3p-dativo ver-nominalizador
 'O que que Pedro viu?'

II) a introdução de um "adjetivo" ou da construção que é sua equivalente, a "oração relativa", na realidade, uma construção nominal; aqui é indispensável a presença de uma das partículas que estamos focalizando :

- (37a) dzi^3ma^4 $\beta\bar{i}^4ra^2$ [dza^2 $t\bar{s}i^3\bar{e}^2n\bar{e}^4$] SN
 aquele (previamente referido) arco x ruim
 'aquele arco ruim'
- (37b) $...k\bar{a}^3b\bar{o}^4r\bar{a}\bar{o}^3$ [ga^2 $\beta\bar{e}^4a^2$] SN
 camburão x velho
 'camburão velho'
- (37c) dza^2-ti^2 [dza^2 $n\bar{i}^3-\bar{?}i^2$ $t\bar{s}a^3-d\bar{a}\bar{o}^4-ki^2$] S
 homem x 3p-dativo lp-ver-nominalizador
 ri^3 $ni^2-\phi\bar{e}^3n\bar{e}^2$
 tópico 3p-caçar
 'O homem que eu vi foi caçar'
- (37d) $\bar{a}^3ta^2p\bar{e}^3$ [ga^2 $t\bar{s}\bar{o}^4-\bar{?}i^2$ $\eta\bar{o}^2-4-ki^2$] S ri^3 $na^2-\bar{?}\bar{a}\bar{o}^4$
 cobra x lp-dativo comer-nominalizador tópico 3p-grande
 'A cobra que me mordeu era grande'

III) a introdução de um nome ou sintagma nominal precedido de um numeral/quantificador ; aqui também a presença de uma das partículas em questão é indispensável (isto é, a sua omissão leva à agramaticalidade) :

- (38a) $\beta\bar{\alpha}^4\gamma i^2$ [ga^2 $k\bar{\alpha}^3b\omega^4\bar{\alpha}\bar{\omega}^3...$] SN 'um camburão'
 um x camburão
- (38b) $ta^3m\bar{\alpha}^2\bar{\epsilon}^5-pi^4$ [i^4 $b\bar{\omega}^4\gamma i^2-gi^2$] SN 'três meninos'
 três-? x menino-pl.
- (38c) $\beta\bar{\alpha}^4\gamma i^2-m\bar{\epsilon}^5-pi^4$ [i^4 $b\bar{\omega}^4\gamma i^2-gi^2$] SN 'cinco meninos'
 um-mão-? x menino-pl.
- (38d) $*ta^3m\bar{\alpha}^2\bar{\epsilon}^5-pi^4$ $b\bar{\omega}^4\gamma i^2-gi^2$ 'três meninos'
 três-? menino-pl.
- (38e) $\beta\bar{\alpha}^4\gamma i^2-m\bar{\epsilon}^5-pi^4$ $b\bar{\omega}^4\gamma i^2-gi^2$ 'cinco meninos'
 um-mão-?

IV) a introdução de um nome/sintagma nominal na relação nome-genitivo a qual, na realidade, resulta em ser uma inversão da construção genitivo-nome, que é a que comumente se espera em tikuna ; no caso da relação nome-genitivo, essa não pode ser expressa sem a presença de uma das referidas partículas, que assim se tornam, também aqui, indispensáveis :

- (39a) $t\omega^3p\bar{\alpha}^2na^4$ a^4ri^3 $\bar{\omega}^3r\epsilon^4$ 'palavra de Deus'
 Deus de palavra, estória
- (39b) $... \bar{\omega}^3r\epsilon^4$ [ga^2 $t\omega^3p\bar{\alpha}^2na^4$ a^4ri^3] 'uma palavra de Deus'
 palavra, estória x Deus de

Aparentemente diversas, as situações acima reúnem alguns traços comuns. O primeiro desses traços é o da necessidade da presença das referidas partículas : com exceção das questões **qu-**, elas não podem ser dispensadas nas construções acima, já que a sua ausência leva de pronto à agramaticalidade. O segundo traço comum às mesmas situações é o fato de que todas dizem respeito a uma relação entre dois sintagmas. Outro traço em comum é o fato de que, na relação que se constrói entre os dois sintagmas, um deles é o núcleo e o outro, um sintagma que se aplica ao núcleo. Por fim, ainda um outro traço a unir tais situações é o fato de que nelas um sintagma não-nuclear entra em relação com aquele que é o núcleo através das partículas que são objeto da nossa atenção.

Os elementos apresentados em comum pelas situações que enumeramos permitem que elas sejam tratadas de maneira unificada. Diremos que nelas um sintagma não-nuclear - que pode ser um modificador - ocupa, de modo geral,

uma posição pós-nuclear e que a partícula que o precede marca a relação entre um predicado (um modificador) e um nome/sintagma nominal. O termo predicado inclui aqui "adjetivos" e "orações relativas". E o mesmo termo termina por incluir numerais/quantificadores : atualmente esses se apresentam todos em posição pré-nuclear, tendo o seu núcleo, possivelmente, deixado de ser um provável classificador (indicado na nossa tradução justalinear por uma interrogação) para passar a ser o nome seguinte. Como "adjetivos" que expressam predicados por sobre conjuntos, numerais/quantificadores devem ter entre eles e o nome/sintagma nominal aos quais se referem uma das partículas em questão, de modo a que haja uma predicação. Do contrário, nenhuma relação sintática é possível.

No caso da relação nome-genitivo, o que se tem é também um modificador em posição pós-nuclear. Aqui, a inversão da construção habitualmente esperada genitivo-nome pode fazer com que as partículas a que estamos nos referindo adquiram a função de uma posposição. Para isso é suficiente que, por exemplo, a verdadeira posposição *ari* 'de' que se encontra em (39a) (relação genitivo-nome) seja descartada em (39b). Com o descarte, será a partícula traduzida por 'x' aquela a assumir a função desempenhada pela posposição - uma possibilidade que vem com efeito se concretizando na relação nome-genitivo em tikuna.

Ao poderem assumir a função de uma posposição, as referidas partículas passam a conter uma face subordinadora. Uma tal face, revelável na relação nome-genitivo, já está, no entanto, embutida nas demais situações acima expostas. Em quase todas elas, é a presença de tais partículas que permite a um sintagma ocupante de uma posição não-nuclear entrar em uma relação sintática com um núcleo. Em outras palavras, a função de subordinar um não-núcleo a um núcleo é uma função derivada daquela já desempenhada pelas partículas, qual seja, a de colocar um sintagma não-nuclear em disponibilidade para entrar em relação sintática com um núcleo.

De um ponto de vista estritamente sintático, portanto, diremos que a presença das partículas em questão é um recurso de que dispõe a língua para colocar em relação dois sintagmas. Parece-nos lícito afirmar que um tal recurso não está muito afastado da natureza discursiva que possuem essas partículas. Sob o ângulo discursivo, elas são a marca da continuidade tópica e, em razão disso, são elementos indispensáveis ao estabelecimento de um elo necessário

quando a posição pós-nuclear se torna adjacente a um núcleo ao qual ela passa a se aplicar (ver situações há pouco apresentadas a propósito das partículas que introduzem o sintagma pós-nuclear).

A gramaticalização da posição pós-nuclear (associada à função assumida, no âmbito da sintaxe, pelas partículas que introduzem o sintagma pós-nuclear) nos permite chegar a uma conclusão sobre a relevância sintática do sintagma que é o espelho aparente do tópico.

De acordo com o que vimos, o sintagma pós-nuclear só será possuidor de alguma relevância sintática se mantiver alguma relação com o núcleo. No caso do sintagma pós-verbal, que é o espelho aparente do tópico, a sua relevância sintática está diretamente ligada a uma possível relação com o núcleo da sentença - o verbo. Concretizando-se tal relação, através de determinados recursos, o sintagma pós-verbal adquirirá uma função sintática intrinsecamente ligada àquele que é o seu núcleo.

Assim, embora o sintagma pós-verbal seja o espelho aparente do tópico, sintaticamente a sua relevância é diferente da do tópico. O tópico, conforme já afirmamos, tem a sua relevância sintática ligada à revelação das possibilidades de existência de vazios estruturais na língua - uma revelação que se dá a partir da verificação do que é ou não argumento de um verbo. Por sua vez, o sintagma pós-verbal possui uma função sintática apenas na medida em que pode se relacionar sintaticamente com o núcleo da construção.

Relacionados do ponto de vista discursivo, o tópico e o sintagma pós-verbal - veículos, respectivamente, da descontinuidade tópica e da continuidade tópica -, terminam, portanto, seguindo caminhos diversos no âmbito da sintaxe.

2.5- Orações encaixadas

Nas orações encaixadas repete-se a situação encontrada nas orações independentes. Nelas, por exemplo, é possível encontrar :

a) tópico após um complementizador :

- (41) $p\bar{e}^3 dr\omega^4$ ri^4 $na^2-t\bar{a}^2 dza^3-\tilde{i}^1 t\bar{s}i^2$ $n\bar{a}^4 ti^3 ri^3$ $t\bar{a}^3 ma^4$
 Pedro tópico 3p-fome-intensificador então,mas negação

na³-tʃi³bi⁴ ε³ri⁴ ɔ³na³ ri³ na²-tā²ʔo³ma³

3p-comer porque comida tópico 3p-inexistir

'Pedro está com fome, mas não pode comer porque não há comida'

(Pedro, está com fome, mas não pode comer porque comida, não existe)

b) objeto antes do verbo e objeto à direita do verbo, com as mesmas particularidades exibidas pela ordem SVO nas orações independentes :

(42) lɔ³i²za³ ri³ ŋi²-gi⁴ i³-ɔ²gi² ε³ri³
Luiza tópico 3p.fem-reflexivo ela-vomitar porque

ã²ri¹ma¹ tʃa⁴βi³-tʃi³ə⁴ i³dza⁴-ʔā⁴ʔi³
muito milho-líquido (chicha) ela-beber

'Luiza vomitou porque bebeu muita chicha'

(Luiza, vomitou porque muita chicha bebeu)

(43) hi²ta³ i³-na³-wā⁴ẽ³ nā²ʔ kɔ³-na²-ʔɔ⁴-ĩ³
Rita ela-objeto interno-querer conectivo você-objeto interno-
fazer-nominalizador

i⁴ βɔ⁴i² i⁴ pā³ka³ra² ni³-ʔĩ²
x um x cesto 3p-dativo

'Rita quer que você faça uma cesta para ele'

c) sujeito nominal após o verbo:

(44) na²-dzĩε²ma² ga² hε³ni³ã³ ga² βẽ²da³βa² wa
3p-dêitico x reunião x Vendaval locativo

ga² dzĩε²gɔ²ma² mā³ri⁴ di³ɲε⁴rɔ⁴-ĩ² na²-dzã⁴-gɔ⁴
x dêitico já dinheiro-dativo 3p-pegar-locativo
(naquele tempo)

ga² pẽ³drɔ⁴ bẽza³mi² wa¹
x Pedro Benjamin locativo

'Houve reunião em Vendaval depois que Pedro pegou dinheiro em Benjamin Constant'

(Houve reunião em Vendaval depois que dinheiro pegou Pedro em B.C.)

A repetição, nas orações encaixadas, de fatos encontrados nas orações independentes nos mostra que o fluxo discursivo não está restrito a essas últimas e que, em ambas, a flexibilidade na ordem de palavra deve ser acompanhada por certas alterações.

3- Algumas considerações sobre ordem de palavra e a relação som, forma e estrutura em tikuna

Ao nos aproximarmos da ordem de palavra em tikuna, tomamos, inicialmente, os termos sujeito e objeto como primitivos. O resultado da análise nos permite fazer agora algumas considerações sobre aspectos da sintaxe tikuna e sobre a importância ou não de informações sintáticas para a constituição de todos fonológicos²⁴ na língua.

De acordo com o que vimos sobre as ordens SVO e OVS, pode-se afirmar que sujeito e objeto pospostos ao verbo ficam iguados formalmente. Além disso, as partículas que os introduzem em ambas as ordens são marcas da continuidade tópica e, como tal, não podem identificar o sintagma nominal posposto como sujeito ou objeto. Do ponto de vista sintático, as mesmas partículas colocam o sintagma nominal em disponibilidade para entrar em relação com o núcleo, isto é, com o verbo, mas, ainda assim, elas, sozinhas, não são suficientes para identificar o sintagma posposto como sujeito ou objeto. Uma tal identificação só é possível a partir de uma relação do sintagma posposto com o núcleo da construção - o verbo.

A primeira conclusão que tiramos dos fatos expostos é a de que o tikuna é basicamente uma língua de verbo final : colocar um sintagma nominal sujeito ou objeto à direita do verbo implica o aparecimento de partículas introdutoras do sintagma nominal posposto ; manter sujeito e objeto nominais à esquerda do verbo não implica o aparecimento quer de partículas, quer de marcas morfológicas para um ou outro ; deixar um sintagma nominal à esquerda do verbo só leva ao surgimento de uma marca morfológica no objeto - o sufixo referido como 'dativo' - se houver uma motivação semântica (cf. 2.1) ou se o sujeito estiver posposto ao verbo (ordem OVS).

²⁴ Entendemos por todos fonológicos sequências que são efetivamente produzidas pelos falantes e que têm a sua postulação dependente da coesão que exibem as suas sílabas constituintes do ponto de vista dos padrões rítmicos admitidos pela língua. Uma aplicação da noção de todo fonológico pode ser encontrada em SOARES (1991).

A segunda conclusão tirada dos mesmos fatos é a de que é na localização dos argumentos em relação ao verbo que está a possibilidade de explicação para o surgimento de uma marcação de caso sintaticamente motivada em tikuna : sujeito e objeto nominais colocados à direita do verbo (ordens SVO e OVS) ficam iguados formalmente e, ao que tudo indica, também estruturalmente. Com o nivelamento estrutural de sujeito e objeto nominais pós-verbais e com a necessidade de interpretação dos sintagmas nominais em uma sentença, a língua recorre à marcação de caso para o sintagma nominal imediatamente à esquerda do verbo na ordem OVS. Na ordem SVO, as marcas que permitem a interpretação do sintagma pós-verbal como objeto - sintagma cuja visibilidade não decorre de sua posição estrutural - se situam na esfera do verbo : ou essa marca vem em um clítico que, ligado ao verbo, é co-referente ao sintagma nominal posposto ou essa marca vem interna ao verbo e, da mesma forma, permite a identificação do sintagma nominal posposto como objeto.

Ainda uma outra conclusão diz respeito à ordem. A ocupação da posição pós-nuclear - ocupação ligada à manutenção da continuidade tópica - trouxe algumas alterações para a sintaxe. Essas alterações, que não são as mesmas, se referem à gramaticalização da posição pós-nuclear e são introduzidas quando a relação parte não-nuclear/núcleo se altera para núcleo/parte não-nuclear - um fato que acontece, por exemplo, quando o verbo deixa de ser o último elemento da sentença ou quando uma relação modificador/modificado passa a ser uma relação modificado/modificador.

Uma compreensão dos aspectos que envolvem as ordens de palavra em tikuna - incluídos aí os aspectos discursivos - é essencial para a alegada flexibilidade da ordem de palavra nessa língua, para a discussão da sua aparente pobreza morfológica e, sobretudo, necessária para uma visão das restrições que funcionam na língua quando se trata de posicionar sintagmas nominais.

Uma compreensão dos aspectos que envolvem as ordens de palavra é ainda essencial de um outro ângulo : o ângulo da relação entre níveis lingüísticos.

Como enfocamos aqui aspectos sintáticos do tikuna com a preocupação de não descartar informações fonéticas, estamos em condição de verificar, entre outras coisas, se em tikuna as informações vindas do plano sintático são necessariamente impostas a um outro nível lingüístico. Façamos isso observando a constituição de todos fonológicos na língua a partir das sentenças abaixo :

- (45) $m\bar{a}^3 ri^1 a^2$ $n\bar{a}^3-ka^4$ $i^3-d\bar{a}\omega^4$ dza^3 \wedge $\epsilon^3 l\bar{i}^1 za^2-\xi i^3$
 Maria 3p-por ela-procurar x Elisa-piolho
 'Maria está procurando o piolho da Elisa'
 (Maria está catando o piolho da Elisa)
- (46) $he\bar{i}^{3-2} n\bar{a}\omega^{2-3} d\omega^3$ ri^3 \wedge $\bar{a}i^{3-2} r\omega^1$ $ni^2-m\bar{a}^5?$
 Reinaldo tópico cachorro 3p-matar
 'Reinaldo matou o cachorro '
- (47) $\bar{a}^2 pa^2$ \wedge ri^3 $na^2-n\bar{o}^2 r\epsilon^2$ ga^2 $n\bar{a}i^{3-4}$...
 antes tópico 3p-pouco x pau, árvore
 'Antes tinha pouca árvore'

Acima, a marca de tópico e o introdutor de sintagma nominal pós-nuclear podem não se encontrar fonologicamente ligados aos elementos aos quais se referem. Esse é um fato bastante recorrente nas sentenças da língua, e ele nos permite afirmar que, no nível da sentença, tanto a marca de tópico quanto os introdutores já mencionados integram todos fonológicos independentemente das relações gramaticais que ambos estabelecem. Ao que nos parece, ambos se tornam clíticos ao passarem a integrar todos fonológicos, não sendo possível determinar - no nível da sentença - a direção em que se dá essa cliticização.

O nível da sentença mostra que as relações gramaticais não determinam a constituição de todos fonológicos, e é de se esperar que esses sejam constituídos em função de algo que extrapola a sentença.

No nível do discurso, o que sabemos nos fornece indícios de que nele o ritmo é bastante explorado e de que os padrões rítmicos são fundamentais²⁵, a ponto de determinar agrupamentos fonológicos. Por exemplo, veja-se o seguinte trecho de um discurso :

- (48) $n\bar{a}^4 ti^3 ri^3$ $t\bar{s}\bar{a}^3 ma^4$ ri^3 $t\omega^2 n\epsilon^3 ti^2$ \wedge wa^1 $t\bar{s}a^2-dz\bar{a}^3$
 mas,então eu tópico Igarapé Preto locativo eu-nascer
 'então eu nasci no Igarapé Preto'

Nesse trecho, a marca de tópico se encontra agregada ao elemento ao qual semanticamente ela se refere, enquanto o locativo está vinculado

²⁵ Ver Soares (1991).

fonologicamente ao elemento seguinte, embora semântica e sintaticamente mantenha um vínculo com o elemento anterior. A razão para se ter tais agrupamentos é dada pelos padrões rítmicos explorados no trecho em questão : o anapesto ($\sim \sim -$) e o dátilo ($- \sim \sim$)²⁶. As palavras são portadoras de padrões rítmicos, e aquelas palavras que são constituídas de uma sílaba breve tenderão a estar fonologicamente integradas a um todo maior, dando-se essa integração no sentido da exploração de certos padrões rítmicos. Nessa condição estão, além do locativo presente em (48), a marca de tópico e os introdutores de sintagma pós-nuclear - formas morfológicamente simples que, identificadas por nós como palavras, se submetem ao ritmo tanto quanto as formas morfológicamente complexas também identificadas como palavras.

Submetidos ao ritmo, os todos fonológicos constituídos revelam um desajuste entre sintaxe e fonologia na língua tikuna. O quanto o ritmo é independente da sintaxe e o quanto essa independência se deve ou não ao tipo de sintaxe exibido pela língua é uma questão que se insere no percurso de uma investigação em que os fatos de uma língua sejam considerados de maneira integrada. Nesse percurso, o caminho de uma investigação sintática surge como necessário e, no caso específico do tikuna, os fatos aqui exibidos com relação à ordem de palavra, ao apontarem para uma sintaxe centrada no núcleo e para a existência de mais de uma estratégia para a veiculação da informação sintática, dão os primeiros indícios de que a sintaxe tikuna pode não precisar da fonologia para confirmá-la. Se esses indícios são ou não verdadeiros, é algo que depende de uma investigação mais aprofundada do que pode ser a relação entre som, forma e estrutura nessa língua - investigação cujos primeiros passos foram aqui exibidos tomando-se como ponto de partida a ordem de palavra.

²⁶ Nota do editor : as vogais escritas sem diacríticos de alongamento são breves.

Referências bibliográficas

ANDERSON, L.

- 1959 "Ticuna vowels with special regard to the systems of five tonemes", *Série Lingüística* 1. Publicações Avulsas do Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- 1966 "The structure and distribution of Ticuna independent clauses", *Linguistics* 20 : 5-30.

BAKER, M.C.

- 1988 *Incorporation. A theory of grammatical function changing*. The University of Chicago Press, Chicago and London.

COMRIE, B.

- 1985 *Tense*. Cambridge University Press, Cambridge.

FIRTH, J.R.

- 1970 "Sounds and prosodies (1948)", In PALMER F.R. (ed.) *Prosodic analysis*. Oxford University Press, London.

GIVON, T.

- 1984 *Syntax. A functional-typological introduction*. Vol. I. John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia.

JOHNSON, D.

- 1974 *Toward a theory of relationally based grammar*. Ph.D. Diss. [disponível a partir do Indiana Linguistic Club].

LI, C.N. & THOMPSON, S.A.

- 1976 "Subject and topic : a new typology of language" in LI, C.N. (ed.) *Subject and topic*. Academic Press, New York.

LOWE, I.

- 1960 a. "Tikuna phonemics", unpublished paper. Museu Nacional/ UFRJ.
- 1960 b. "Tikuna noun and verb morphology", unpublished paper. Museu Nacional / UFRJ.
- 1960 c. "A preliminary survey of Tikuna syntax", unpublished paper. Museu Nacional/ UFRJ.

POSTAL, P. & PERLMUTTER, D.

1974 *Notes on relational grammar*. Summer LSA Institute.

RODRIGUES, A.D.

1970 Verbetes Língua da *Enciclopédia Delta Larousse*, Vol. 9 : 4054-4056.

SOARES, M. F.

1984 a. "Traços acústicos das vogais em Tükuna". *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 7 : 157-175. UNICAMP, Campinas.

b. "Padrões rítmicos em tikuna : elementos para uma relação entre som e estrutura". Comunicação apresentada no IX ENCONTRO NACIONAL DE LINGUISTICA, PUC, Rio de Janeiro.

1986 "Alguns processos fonológicos em tikuna", *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 10 : 97-158. UNICAMP, Campinas.

1990 "Marcação de caso e atribuição de caso em tikuna", *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 18 : 79-114. UNICAMP, Campinas.

1991 "Aspectos suprasegmentais e discurso em tikuna" in ORLANDI, E.(ed.) *Discurso indígena. A materialidade da língua e o movimento da identidade*. UNICAMP, Campinas.

1992 *O suprasegmental em tikuna e a teoria fonológica*. Vol. I : Investigação de aspectos da sintaxe tikuna. Vol. II : Ritmo. Tese de Doutorado, UNICAMP.